



Aos 50 anos, Paul Thomas Anderson tem oito longas-metragens únicas a exibir neste Leffest

MCINTYRE/GETTY IMAGES FOR VANITY FAIR

Um jogo de espelhos chamado PTA

O Leffest apresenta, a partir de sexta-feira, uma das mais ambiciosas retrospectivas do seu historial: todo o cinema de Paul Thomas Anderson

TEXTO FRANCISCO FERREIRA

LEFFEST'20

Espaço Nimas e Teatro Tivoli, Lisboa; Centro Cultural Olga Cadaval e Palácio Nacional de Queluz, Sintra, de 13 a 22
www.leffest.com

Fixemo-nos nos belos *losers* que começam a perder a graça, nos pais desaparecidos que lhes deixaram um luto ainda bem vincado, naquele apetite por súbitas rajadas de violência física ou psicológica, herança do *film noir*, ou em segredos profundos, insondáveis — passamos filmes inteiros com eles — e que não se mostram à superfície: tudo isto já se anuncia no jogador profissional a que Philip Baker Hall deu corpo em “Hard Eight”, de 1996 (*aka* “Sydney”), primeira obra de Paul Thomas Anderson. Nesse tempo, o cinema ainda não o havia batizado com a sigla PTA que o distinguiu de tudo o resto que surgiu da América dos anos 90. Nem o havia aproximado, como tantas vezes aconteceu e nem sempre de forma certa, da sensibilidade à flor da pele de Malick ou dos impetuosos vorazes de Kubrick. Paul Thomas Anderson tem apenas 50 anos cumpridos em junho passado, vem da *video store generation* em que surgiu o não menos obsessivo, e sete anos mais velho, Quentin Tarantino, é um indefetível, tal como este último, do uso da película sempre que o cinema o chama (recorre ao 35 mm como se de uma religião se tratasse) e tem já um enorme corpo de trabalho, uma obra feita, digna de tal nome:

oito longas-metragens únicas que o Leffest vai exibir se a pandemia deixar (de fora ficam os cliques e os pequenos trabalhos musicais, em especial aqueles, como “Anima”, em que PTA encontrou afinidades em Thom Yorke dos Radiohead). A palavra de ordem desta obra é controlo. Até agora, cada filme revelou uma infraestrutura única que o cineasta edificou como um arquiteto desde a raiz — o exemplo mais óbvio coincide com aquele que é ainda o seu trabalho mais virtuoso, “Magnólia” (1999). É uma pena que este ciclo apareça em tempos negros, sem a presença (pelo menos física) de PTA entre nós: ele sabe entregar-se como poucos àquilo que mais o fascina e tortura, prova disso são as entrevistas que temos publicado ao longo dos anos. Em simultâneo, vem a pergunta: há uma porta aberta, um padrão comum, para entrar neste universo? Ou antes um caótico jogo de espelhos que se tem multiplicado numa instabilidade infinita de tons? A resposta vem de “Masterworks”, livro recente de Adam Nayman que se tornou autoridade na matéria. O crítico canadiano ousou organizar esta obra não pela sua continuidade cronológica (“Jamais farei um filme sobre o presente”, confessou-nos PTA em tempos) mas, escolha rara, pela data em que os filmes decorrem

— começando por isso pelo Daniel Plainview (Daniel Day-Lewis) de “There Will Be Blood” (2007), na viragem do século XIX para o século XX. Outras pseudo-figuras paternas se juntam àquela num crescendo de complexidade: o líder tentacular da seita religiosa que é Lancaster Dodd (Philip Seymour Hoffman) em “The Master” (2012); o estilista inglês obcecado pelo seu trabalho e enfim vergado ao poder da sua musa que é Reynolds Woodcock (de novo Daniel Day-Lewis) em “Phantom Thread” (2017). PTA gosta de homens poderosos que subiram a pulso e que ele depois critica e arranca dos seus pedestais sem dó nem piedade, com uma ambiguidade que jamais nos é dada de barato. Invariavelmente, essas quedas são épicas. A corrosão e a alienação de “Inherent Vice” (2014), em torno de um detetive dos anos 70, em rota de autodestruição entre o prazer e a dor, e sacado do romance de Thomas Pynchon, rima por portas travessas com os idealismos do produtor de filmes porno que Burt Reynolds encarna em “Boogie Nights” (1999), filme que lançou PTA, 15 anos antes. E todos eles são — tal como Barry Egan (Adam Sandler) o é no psicodrama “Punch-Drunk Love” (2002) — duplos de PTA, reflexos da mesma imagem neurótica da América. ●